

Ademir Pascale – Organizador
VOLUME VIII



**poemas
contemporâneos**

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-02-13348-4

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- A VIDA E A MORTE NUMA FARMÁCIA, POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 05
SONETO 006, POR BRUNO DIAS CAMARGO, PÁG. 07
SONETO 007, POR BRUNO DIAS CAMARGO, PÁG. 09
TRANSIÇÃO, POR EDSON LUIZ DA SILVA BRIATO, PÁG. 11
BAÚ, POR ERICK RAFAEL FERREIRA MACHADO, PÁG. 13
CARTA AOS CEM ANOS, POR EVA MARIA Z. GRIEP, PÁG. 15
POEMETO MINEIRO: PLAGIOCLÁSIO, POR JAFF SILVA, PÁG. 17
RITUAL DE SERENAR, POR LUCIANA YANES MOIA, PÁG. 19
O QUE SOU, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 21
DIA 01 COM VOCÊ, POR MAYCON PAES, PÁG. 23
MANO A MANO, POR RAUL SCHAEFER FILHO, PÁG. 27
TERRA MOLHADA, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 30
PESSIMISTA OU REALISTA?, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 32
BANALIDADES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 34
DIZER COMO VÍCIO, POR VÂNIA MEDINA, PÁG. 36
ENCONTROS, POR VÂNIA MEDINA, PÁG. 39
SEM MÉTRICA, POR VÂNIA MEDINA, PÁG. 41
QUO VADIS, POR YULEXIS CIUDAD SIERRA, PÁG. 44
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 46

Ademir Pascale – Organizador

VOLUME VIII



**poemas
contemporâneos**



APRESENTAMOS O POEMA

A VIDA E A MORTE NUMA FARMÁCIA

POR ALEXANDRE MONTEIRO

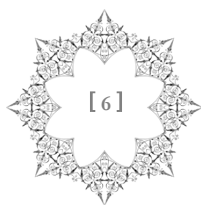
Alexandre Monteiro, nascido e residente no Rio de Janeiro, possui escrita que denuncia seus múltiplos interesses e formações. É arquiteto graduado pela UFRJ; artista visual; especialista em História da Arte pela UCAM (RJ) e professor do curso de graduação em Design da UCAM (RJ). Atualmente encontra-se mestrando em Sociologia Política pelo IUPERJ. Em suas pesquisas acadêmicas recentes, tem investigado arquivos de artistas não heterossexuais e as estratégias de comunicabilidade por eles criadas como resistência aos discursos hegemônicos da sociedade heteronormativa.

Sai veloz pela porta arrombada,
O cachorro que estava trancado
Por três dias no carro vedado
E foi notícia na televisão.

O bombeiro o conduz à farmácia, e,
Tão logo eles cruzam a calçada,
O cão se atira à tigela d'água,
Recebido pela multidão

De pessoas que não têm ideia
De que um homem entrou apressado
Nesse mesmo local demarcado
Dias antes do agora ocorrido,
E sentiu seu coração oprimido,
E tombou no meio do caminho,
E morreu sem direito a um carinho,
Sem chegar a alcançar o balcão.

O tal homem, um desconhecido,
Que jaz morto após ter padecido,
Também era o tutor desse cão.





APRESENTAMOS O POEMA

SONETO 006

POR BRUNO DIAS CAMARGO

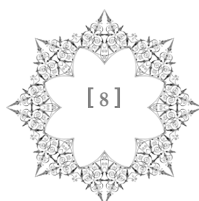
Bruno Dias Camargo, paranaense, 29 anos, escritor... Com a dedicação de sua mãe, uma auxiliar de padaria, sem muitos estudos, quando criança tinha o costume de estudar tabuada e caligrafia por meia hora todas as tardes após as lições de casa da escola, com isso também a mesma, lhe incentivou ao mundo da literatura por nunca ter amigos.

Sair do útero para outra escuridão...
Onde o poço é profundo e desafiador;
A vida se excita com a sua dor...
E, das dores, vem a transformação!

Pensamentos nas nuvens, os pés no chão;
Um casulo é o corpo, outra cor...
Tem o céu, criança, o próprio amor...
Nos contos de fadas há mais decepção

Do que pode imaginar ou se esquecer!
Outra mentira é o que pode parecer...
A máscara na mesa, antes de sair

Dos casulos da vida, diariamente!
Viver é respirar, seguir em frente;
Não importa quantas vezes há de cair!





APRESENTAMOS O POEMA

SONETO 007

POR BRUNO DIAS CAMARGO

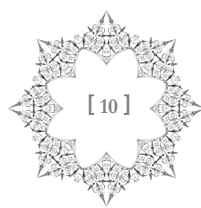
Bruno Dias Camargo, paranaense, 29 anos, escritor... Com a dedicação de sua mãe, uma auxiliar de padaria, sem muitos estudos, quando criança tinha o costume de estudar tabuada e caligrafia por meia hora todas as tardes após as lições de casa da escola, com isso também a mesma, lhe incentivou ao mundo da literatura por nunca ter amigos.

Em cada devaneio e em cada abrigo;
Em cada terno olhar e voo rasante...
Sempre há algum detalhe importante
Que esconde encanto ou, talvez, perigo!

Talvez viver também seja um castigo,
E o vinho é um doce veneno delirante!
Talvez eu tenha uma gema de diamante
No lugar dum coração chagado, antigo

Mausoléu caindo em pedaços...
Que esconde a minha máscara, irreais abraços!
Talvez viver seja somente um pesadelo

Do qual sei que jamais vou acordar!
Às vezes, a pior tortura é me lembrar
Do seu perfume em cada fio de cabelo!





APRESENTAMOS O POEMA

TRANSIÇÃO

POR EDSON LUIZ DA SILVA BRIATO

Edson Luiz da Silva Briato é licenciado em História, com especialização em Educação pela Pesquisa. Natural de Campo Bom, Rio Grande do Sul, o autor é um entusiasta da literatura e da poesia, tendo a polonesa Wisława Szymborska como sua poeta de maior inspiração e predileção.

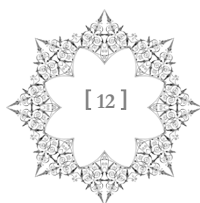
Alguém me explica:

As pessoas sozinhas em seus quartos,
mas on-line e em grupos,
isso será solidão?

Ou será o eco de um grito mudo
que atravessa a fibra óptica,
buscando um abraço de silício,
enquanto a pele esquece o toque?

Outro dia, ouvi a filósofa Viviane Mosé
dizendo que está estudando o novo ser humano
que emergirá dessa interação com a internet.
Penso que isso trará uma direção
para essa desconexão/transição.

Estamos virando fantasmas
com fome do encontro real.





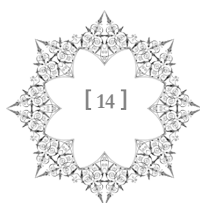
APRESENTAMOS O POEMA

BAÚ

POR ERICK RAFAEL FERREIRA MACHADO

Rafael, como prefere ser chamado. Cresceu na zona sul de São Paulo. Capao Redondo. Por volta dos seus 14 anos. Descobriu o que era a necessidade de ter que trabalhar. Seus pais se divorciaram e ele tendo em mente que era o homem da casa, por ser o irmão mais velho. Iniciou a jornada. Trabalha de garçom para levar a vida e auxilia a mãe com sequelas de AVC. E escreve às vezes por necessidade.

Coloquei tudo em um baú: as nossas melhores memórias.
Coloquei-as lá, mas com muita dificuldade.
Nossos risos, mãos dadas, seu respirar. Coloquei tudo ali.
Soterei todos os nossos rolês, ciúmes, brigas e as caralhas de todas as músicas.
Coloquei seus fantasmas, que vejo em todo maldito canto em que já estivemos juntos.
Coloquei todos os modelos de óculos que você já teve e suas armações.
Coloquei você de cabelo curto e bem longo.
Coloquei o seu colo, o seu calor; coloquei seus olhos me olhando no escuro.
Coloquei tudo!
Coloquei sua fúria como vulcão e sua tempestade na minha colher.
Coloquei. Era o que você queria; você pediu. Fraco fui eu.
Coloquei tudo: teu cheiro, teu batom e tuas fantasias eróticas, que tanto me amarravam.
Coloquei tudo lá! Desgraça! Lá coloquei!
Tranquei o nosso fim onde ele deveria estar: no fim.
Coloquei meus sonhos, planos, minha vida.
Coloquei a porra da minha vida na desgraça desse baú!
E, pelo amor de tudo o que é sagrado:
fique no baú.
Porque continuar amando sozinho é uma pena
que nem os condenados merecem pagar.





APRESENTAMOS O POEMA

CARTA AOS CEM ANOS
POR EVA MARIA Z. GRIEP

Eva Maria Zorzo Griep é Professora aposentada, formada em Pedagogia. Leitora desde o início da vida escolar, sempre encontrou nos livros um espaço de aprendizado e sensibilidade. A escrita é a sua forma de observar o mundo.

O que ficará aos cem anos. Entre o agora e o tempo que ainda virá, escrevo à mulher que serei.

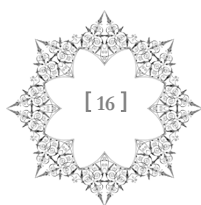
Querida! Teu caminhar está sendo longo. Quando te escrevo, estou na estrada, passando do meio, com um olhar para o que já passou e outro para o horizonte que se desenha.

Imagino teus passos lentos, silenciosos, carregados de histórias que ainda não vivi. Penso e me pergunto: que memórias guardas agora, quais caminhos ainda lembras e quais se perderam no tempo?

Hoje caminho entre descobertas: um livro, a tecnologia que se abre para o mundo, a simplicidade de uma folha de outono que cai no quintal, uma ideia nova que surge. Talvez isso, para ti, sejam lembranças de um tempo que se foi, mas espero que ainda conserves o mesmo brilho simples de agora.

Escrevo para saber se continuas com o nosso olhar de curiosidade. Se encontraste beleza no vento que passa entre as árvores e nas palavras nascidas dentro de nós. Desejo que tenhas preservado a capacidade de parar, observar e sentir profundamente.

De onde estou, deixo-te esta pergunta silenciosa: o que realmente ficou de tudo que vivemos? E, se, ao chegar aos cem anos, ainda restar ternura ao olhar o mundo, então saberei que o essencial permaneceu.





APRESENTAMOS O POEMA

POEMETO MINEIRO: PLAGIOCLÁSIO

POR JAFF SILVA

Jaff Silva (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas as plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).

Em Granada, lugar de uma terra rara na Andaluzita,
Visitei, no quartzo deles, o tio Anatásio e a Titanita,
Já que Anatásio estava com apatita.
Reparei logo no colchão ortoclásio.

Na parede tinha um grafite bem coríndon,
Feito com traços de lápis-lazúli.
Eles escutavam um rádio galena,
E Titanita falava sobre talco e saponitas

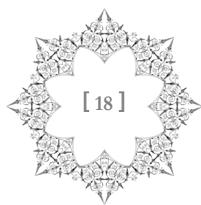
Com sua amiga, a sanbornita Esmeralda,
Uma moça prata lá de bornita.

Níquel a vi, sugeri o nióbio:
“Topázio, beber água-marinha com citrino?”

Confesso que Esmeralda
Me atraiu como magnetita.

Bebemos no bar Serpentina da Turmalina.
Uma garçonete moscovita nos serviu,
E saboreamos anfibólitos com olivinas.
Já na sobremesa, provamos a cassiterita
De laranja com um quartzo de cereja.

Como não tinha cobre, paguei com ouro.
A garçonete riu como uma moissanita,
Exclamando: “Acho que isto não é pirita.”
Grátis para todos, uma birita!





APRESENTAMOS O POEMA

RITUAL DE SERENAR

POR LUCIANA YANES MOIA

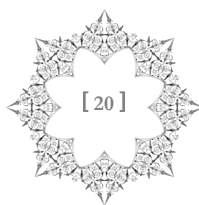
Luciana Yanes Moia é apaixonada por boas conversas e experiências que transformam. Mãe de duas filhas, atuou por mais de 30 anos na área de gestão imobiliária e atualmente cursa psicologia, dedicando seu olhar à compreensão do comportamento humano. Na escrita, encontra uma forma sensível de traduzir emoções, vivências e tudo aquilo que atravessa o humano.

Sob a água, o corpo desliza,
Avisa a noite para pausar.
Segue esvaindo a energia,
Tendo a lua a espreitar.

O turbilhão vai se acalmando,
Se prepara para transbordar.
Mergulho fundo em lembranças,
Temendo não regressar.

A face se torna estrada,
Percorrem-na lágrimas a jorrar.
O pensamento tinha desvendado
A forma de serenar.

O corpo se move, a mente se alinha.
Até onde me aprofundar?
Até quando for madrugada,
Antes do sol raiar.





APRESENTAMOS O POEMA

O QUE SOU

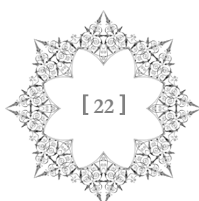
POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP. Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália
Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.
Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

O que sou, meu corpo sabe...
As consequências dessa longa estrada
falam de mim: as ações, contradições,
enfim, a urgência primordial de minha alma.
O que sei é que seguir essa longa trilha,
até chegar aonde estou, exigiu calma...

Sou a consequência do que não planejei
e lutei para conseguir, meio relutante,
entre poder estar presente e o querer
ausente dos meus anseios e devaneios.
Na vida, segui obstinada no desejo de ser,
entre a escrita, a arte e a sobrevivência.

A vida me levou, enérgica e possessiva,
pelo caminho que mais tarde virou paixão.
Fiquei, estudei, misturei os meus sonhos
e faço tudo junto: união de desejo e profissão.
Enveredei-me pelo ofício de despertar sensações
e pela contemplação entre a realidade e a ficção.





APRESENTAMOS O POEMA

**DIA 01 COM VOCÊ
POR MAYCON PAES**

Maycon Paes nasceu no interior de Minas Gerais e tem 32 anos. Educador por vocação, acredita na força do conhecimento como caminho de transformação. Apaixonado por viver experiências, descobrir lugares e colecionar histórias pelo caminho, encontra nas viagens uma forma de ampliar o olhar sobre a vida. A escrita surgiu como refúgio silencioso, um espaço onde sentimentos ocultos ganham voz. Entre versos e pensamentos, Maycon transforma emoções em palavras que revelam o que muitas vezes permanece guardado. Seu olhar sensível busca capturar a beleza das pequenas coisas e dos encontros que marcam a vida.

Borboletas no estômago ao tocar a campainha.
Olho para o alto, mas você não está na sacada.
O som estridente dos teus passos — um reflexo no vidro —
causa euforia.
No instante em que a porta se abre,
os olhares se cruzam,
e o arrepio me atravessa.

Depois disso, o inexplicável tomou conta.
Há coisas que não se descrevem; só se sentem.
Não faz mal esquecer alguns detalhes do que veio depois.

São tantas memórias construídas...
A maioria, boas,
mas dói lembrar das despedidas,
do momento em que partimos.

Cinco fotos repetidas, tiradas uma após a outra.
Semblantes, sorrisos, poses diferentes.
Nossa memória falha,
mas a do computador, essa não pode ser apagada.

A camisa ainda tenho.
O colar, guardado na gaveta.
O Cristo, lá no alto, guarda recordações —
assim como minha mente, que falha, mas persiste.

A gangorra traz à tona o lado inocente de uma criança.
O tempo parou e correu ao mesmo tempo.
Nunca tinha reparado no branco dos meus dentes.
A foto captura perspectivas que não sei explicar.
Será o reflexo do que sinto?

Ou a forma mais singela de amar?

O vídeo tem 15 segundos.

E a vida, quantos ainda temos?

Já disse que ainda tenho a mesma camisa?

Por mais que seja tão minha, ela ainda me faz lembrar você.

Fotos que pareciam reveladas à moda antiga,

assim como nossa forma de amar.

Será que entramos na vida de alguém para nos melhorar?

Ou somos apenas coadjuvantes na jornada do outro?

A paisagem era linda.

Mas só eu via a pureza dentro de você.

As lembranças, em formato JPG,

já mudam com o tempo.

E nós?

Será que o amor muda de forma,

ou só perde intensidade?

Hoje, fotos borradas são moda.

Na câmera do meu celular,

são apenas flashes de situações inusitadas.

Lembro da música que ouvia pela primeira vez

enquanto observava as estrelas.

Fotos são janelas para rir do passado e reviver o instante.

Venha cá,

onde o morro escuro se confunde com o céu estrelado.

Ainda bem que não apaguei as fotos.

Momentos merecem ser revisitados.

Amanheceu.

Da janela do quarto, registro o primeiro clarão.

Meus olhos quase fechados retratam:

acordar ao seu lado é melhor

do que qualquer sonho.

176 percepções em 48 horas,

uma dinâmica tão diferente.

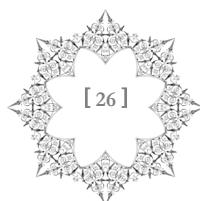
A máquina do tempo existe,

se dermos valor ao vivido.

Afinal, reviver é um flash atemporal

com prazo de validade.

Dia 01 Com Você; 20191115





APRESENTAMOS O POEMA

MANO A MANO

POR RAUL SCHAEFER FILHO

O autor é advogado, domiciliado em Florianópolis-SC, participou de diversas antologias literárias, tendo contribuído com artigos e contos nos órgãos de imprensa, já publicou um livro de poesias "Nós em Poesia", pela editora Autografia.

Mano a mano,
mino o espaço
e sinto que, à noite, dormirei
na paz da ponte dependurada,
em vaivém sinfônico,
com o embalo do amanhã.

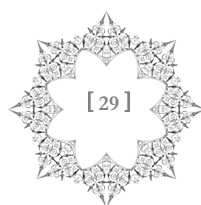
Mano a mano,
revolvo o solo arenoso e salgado
com o corpo ferido e inerte,
em escura sombra,
arrepinando poros e dias aziagos
contra o sol que acoita o tempo.

Mano a mano,
escorrego em musgo e dinamites
e minto ao escracho do mundaréu,
pregado na porta que se mantém cerrada,
sem consciência e com acepipes na varanda,
azedando humores tenebrosos.

Mano a mano,
afogo o réptil fugidio,
afagando a explosão de ira,
exalçando vegetação impura
em festa amplexada à erosão.

Mano a mano,
torço os entusiastas carcomidos,
enxoto a mortandade deletéria, eterna e inócua,
esperando o ressurgir da fonte
numa enxovia de monta putrefacta,

noutro lugar do mano a mano,
agora em lentidão fustigante
de elíptico arraso, raso e oco.





APRESENTAMOS O POEMA

TERRA MOLHADA POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura — com a qual colabora desde o nº 37 —, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e trinta antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Era uma Vez um Outono", "A Voz do Oceano" etc. E-mail: schimaroberto@gmail.com

Todas as manhãs ele vinha:
frio, quieto, úmido e rasteiro.
Atrevida sua diáfana língua,
era dele e todo ele: nevoeiro.

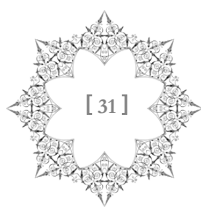
A percorrer o corpo da colina,
ainda no sonho da madrugada.
Deslizava em rastros de orvalho,
um gemido mudo, a voz calada.

Mais que um beijo
a acender o desejo.
Mais que uma faísca,
cintilação, um lampejo.

Qual mulher feita em sua alcova,
toda relva se abriu à sua passagem.
Sussurro de brisa, então implorou:
“Penetre gentil em minha folhagem!”

Os arbustos, a mata densa,
o solo, o caule e sua flor.
Sinta e toque, toque e sinta:
prazer, sorriso, o riso e a dor.

E a alva bruma seguiu e avançou;
de modo algum fez-se rogada.
Missão cumprida em mais uma aurora.
A fragrância do seu gozo: terra molhada.





APRESENTAMOS O POEMA

PESSIMISTA OU REALISTA?

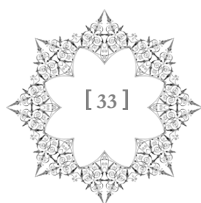
POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Promissoras ou duvidosas alusões
ao panorama do cético,
nada sinalizam.

Viço e luz, nada lhe dizem.
A sombra a tudo casa, afinal.

Neste mundo em convulsão,
não parece prometer mesmo nada,
a realidade.





APRESENTAMOS O POEMA

BANALIDADES

POR SELLMA LUANNY

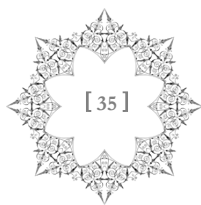
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Quanta banalidade!...
Quando não, sórdidas notícias.

Com tanta futilidade
aonde chegar?

Da areia tirar água?
Ou genialidade do medíocre?
Tão semelhante quanto isso!

Decadente, ultrapassada,
a não "enxergar" o que devia
ou a não acompanhar
a tendência, eu?





APRESENTAMOS O POEMA

DIZER COMO VÍCIO
POR VÂNIA MEDINA

Vânia Regina Medina Baucke nasceu em Pelotas, RS no ano de 1959.

Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Univ. Fed. de Pelotas (UFPel), em 1984.

Desde 1985 reside em Jaguarão. Casada, casal de filhos, 3 netos.

Retornou aos estudos antes da pandemia formando-se em Fotografia e Jornalismo. (Cruzeiro do Sul, UNIFran)

Em 2024 concluiu a graduação em Ciência da Felicidade, UNICESUMAR, área pioneira no Brasil. Pós-graduação em Fotografia, Jardinagem, Hist. da Arte e outros.

Sou o fruto verde e maduro de mim.
A parte mais doce sem fim.
Estou no interior do sentido
e na imagem oposta do espelho.

Tenho o espaço contido e aberto
de ser o que sou:
a invenção da hora, do minuto, do segundo,
do agora e do sempre!
Destemida na intensidade, sem hora!

Sou a sutileza da brisa que ultrapassa limites
e segue na trilha,
segue no emaranhado dos passos:
chão e vãos,
certeira nas rotas seguidas,
traços de artista,
cores escolhidas sem resumo,
fosforescentes, com brilho, colhidas.

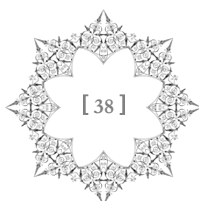
Imagino paisagens absurdas,
inconstantes, fugazes
e entregues à dança simbólica da vida
vívida.

Sou o interstício entre as pedras
que evocam o meu caminho a passos largos;
vou bem longe.

Minha chegada presente, semente.
Minha atuação humana
de gestos e de espirais envolventes.

Estamos, somos e voamos
aos dias em que
nos aproximamos
e nos alinhamos ao essencial:
sem trajes, sem nomes, sem medos.

Somos um universo solto no espaço.
Somos uma cópia de nós mesmos,
enredados,
entrelaçados,
falados, ditos,
riscados,
desenhados e passados a limpo!





APRESENTAMOS O POEMA

ENCONTROS POR VÂNIA MEDINA

Vânia Regina Medina Baucke nasceu em Pelotas, RS no ano de 1959.

Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Univ. Fed. de Pelotas (UFPel), em 1984.

Desde 1985 reside em Jaguarão. Casada, casal de filhos, 3 netos.

Retornou aos estudos antes da pandemia formando-se em Fotografia e Jornalismo. (Cruzeiro do Sul, UNIFran)

Em 2024 concluiu a graduação em Ciência da Felicidade, UNICESUMAR, área pioneira no Brasil. Pós-graduação em Fotografia, Jardinagem, Hist. da Arte e outros.

Poderia ser magia, afinal?
Atravessar rios e oceanos imaginei.
Minha inspiração está no vento, com
perfume de mar, de flor,
perfume de verão, sol e luar...

Então agora aumenta o som,
pois vou falar baixo
para ninguém escutar.
Um poema não precisa ter um tema!
Mas escuta o relógio tiquetaqueando
e o tempo passando por esse lugar.

Onde estão as atitudes?
Os questionamentos, as curiosidades?
Agora abaixa o som, que posso gritar!
Sutilmente temos escolhas. Sempre!

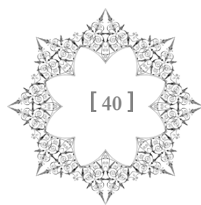
E se voltarmos no tempo? Vai adiantar?
E se seguirmos em frente, o que iremos encontrar?

Um simples palpite:
ao nosso lado e de mãos dadas, nós mesmos.

Nesse largo e extenso caminho,
vamos nos achar!

Fecho os olhos.
Sorrio.

São tantas perguntas como resposta!
E as palavras esvoaçam
como borboletas trêmulas ao vento!





APRESENTAMOS O POEMA

SEM MÉTRICA POR VÂNIA MEDINA

Vânia Regina Medina Baucke nasceu em Pelotas, RS no ano de 1959.

Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Univ. Fed. de Pelotas (UFPel), em 1984.

Desde 1985 reside em Jaguarão. Casada, casal de filhos, 3 netos.

Retornou aos estudos antes da pandemia formando-se em Fotografia e Jornalismo. (Cruzeiro do Sul, UNIFran)

Em 2024 concluiu a graduação em Ciência da Felicidade, UNICESUMAR, área pioneira no Brasil. Pós-graduação em Fotografia, Jardinagem, Hist. da Arte e outros.

Quando senti que poderia, parei de tentar. Será?
Quando entendi o eu que queria,
me deixei levar... sem métrica, como é a vida:
sem planos, sem ensaios e sem argumentos. Será?

Estou certa desse verdadeiro caminho que sigo.
Certa? Verdadeiro? Só sei que sigo!

E o sentido? Faz sentido?
Para quem? Para mim? Qual o sentido?

Viver faz todo o sentido!
A amizade faz todo o sentido!

Amigas, cúmplices ou desatentas? Atentas?

Então, só sei das emoções!
Aos borbotões!
Dias lindos, claros, dourados e carregados de sentimentos!
Atentos, livres e desapegados, lançados ao vento!

Vou me lançar no espaço a correr,
respeitando o meu tempo, meu engajamento!

Penso em ações de silêncio,
silêncio em movimento.
Vou mais e mais longe.

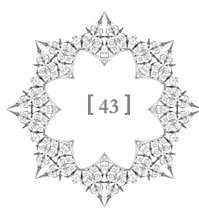
Me fortaleço, me reconheço e floresço.

Sou feita de estrelas, de chão e de água corrente.
Quando amar, o mar em ondas...

Também das cores das flores,
das texturas da natureza.

Sou uma parte inteira de um todo.
Sou muitas possibilidades.

Estou no meu propósito!
Estou aqui! Moro aqui,
e é aqui que vivo este momento!





APRESENTAMOS O POEMA

QUO VADIS

POR YULEXIS CIUDAD SIERRA

Yulexis Ciudad Sierra é uma escritora cubana que reside em Brasil. Ela tem dois livros publicados, seus trabalhos também aparecem em diversas antologias e revistas em Cuba, República Dominicana, Argentina, Estados Unidos e Espanha. É formada em Estudos Socioculturais e é professora de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE). Junto com a escritora Regina da Cruz Alvarenga foi convidada pela Associação Cultural Brasil-Estados Unidos (ACBEU), de Juiz de Fora (MG), para apresentar seus poemas sob o nome de Confluências.

Acaso não mereço
a solidão de Sinuhé?

Compreendo isso das asas
e dos anjos,
mas apenas quero decifrar as raivas
que se escondem em meus ossos.

Para onde vais?
Fitar não é delito.

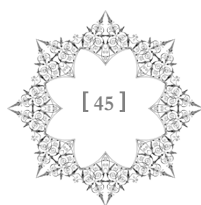
Não serei eu quem te fará pecar
por te encarnares em meus olhos.

Só quero entender
como entendes o homem.

Para onde vais,
para onde?

Acaso devo perder minha barca,
deixá-la partir
para que te detenhas?

Para onde vais,
Senhor, para onde?



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO
CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI



FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
[WWW.YOUTUBE.COM/
CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:**

CLIQUE AQUI